

SOBRE TERRITÓRIOS E LUGARIDADES

WERTHER HOLZER

Universidade Federal Fluminense

werther.holzer@uol.com.br

RESUMO

O que pretendo neste artigo é discutir a microterritorialidade a partir do lugar. Entre os conceitos, ou essências espaciais, que se referem à matéria sólida que nos dá apoio, três são importantes na discussão que faço aqui: mundo, lugar e território. Eles delimitam modos de ser-no-mundo, do mais introspectivo e solitário, para o mais interativo e compartilhado. Somos seres-em-situação, o que significa que constituímos e desvelamos o mundo, a partir de nossa individualidade de ser. Lugares, por sua vez, só existem porque os seres humanos compartilham suas experiências. A geograficidade, que expressa a materialidade do espaço geográfico, é compartilhada em nossas vivências cotidianas com a lugaridade, que expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos. A essência do território é a fronteira, o limite. Minha tese é de que a expressão mais visível da microterritorialidade é a lugaridade. Para estudarmos os territórios, precisamos estudar os lugares.

PALAVRAS-CHAVE: Lugaridade. Microterritorialidade. Lugar. Mundo. Território. Geograficidade.

ABOUT TERRITORIES AND SENSE OF PLACE

ABSTRACT

My aim in this article is to discuss the micro territoriality from the place. Among the concepts, or spatial essences, which refer to solid matter that gives us support, three are important in discussing what I do here: world, place and territory. They delimit ways of being-in-the world of more introspective and lonely for the more

interactive and shared. We are beings-in-situation, be in situation is present and unveiling, from our individuality, the world. Places, in turn, only exist from the sharing of experiences among human beings. The geographicity, which expresses the materiality of geographical space, is shared in our daily experiences with sense of place, which expresses exactly this dialogical relationship of being in motion with places and paths. The essence of the territory is the boundary, the limit. My thesis is that the most visible expression of micro territoriality is the sense of place. Thus, in order to study territories we must study places.

KEYWORDS: Sense of place. Micro territoriality. Place. World. Territory. Geographicity.

O que pretendo, neste texto, é discutir teoricamente a microterritorialidade, a partir de minhas pesquisas sobre o conceito de lugar. A questão será circunscrita, contrapondo diversos conceitos, diria e prefiro, essências, que orientam as pesquisas em Geografia e que se referem, em princípio, ao espaço.

Ocorre que “espaço” é um termo genérico e abstrato, ligado à geometria euclidiana e à física newtoniana. Isso não impede que seja considerado por muitos, inclusive geógrafos, como o objeto central da Geografia.

O geógrafo francês Eric Dardel, já na década de 1950, ressaltou que existem pelo menos dois conceitos de “espaço” bastante distintos entre si. Um seria o espaço geométrico, ao qual se referem a Física e a Matemática, o outro, o espaço geográfico, tratado pela Geografia e pelas demais ciências humanas. Essa oposição, como já disse em outro texto (HOLZER, 2001), exige uma delimitação bastante precisa do espaço que obrigatoriamente devemos adjetivar como geográfico, contrapondo-o ao espaço geométrico, pois este é desprovido de qualquer concretude existencialista. Uma frase de Dardel (2011), que não custa repetir, define muito bem as diferenças:

A geometria opera sobre um espaço abstrato, vazio de todo o conteúdo, disponível para todas as combinações. O espaço geográfico tem um horizonte, um modelado, cor, densidade. Ele é

sólido, líquido ou aéreo, largo ou estreito: ele limita e resiste (DARDEL, 2011, p. 2).

Quando nos referimos a esse espaço adjetivado de geográfico, reportamos a qualquer coisa dotada de materialidade, ou simplesmente desvelada como fenômeno, para a qual nos voltamos intencionalmente e com a qual temos um relacionamento intersubjetivo, enquanto seres-no-mundo.

Então, o espaço só existiria para o ser-no-mundo a partir de sua concretude existencialista, ou seja, ele aparece para nós “em relação”, já desprovido de seus atributos puramente geométricos e abstratos que o desumanizam. Nesse caso, poderíamos afirmar que, quando nos voltamos intencionalmente para o espaço, nesse exato momento ele já está desprovido de seus atributos naturais, que são substituídos por outros, os quais denomino, a partir de Spinoza (1988), para Deleuze (1968) e Santos (1996), natureza *naturata* ou de segunda natureza.

Se o espaço geográfico nasce de uma relação existencial do homem com a Terra, afirmo, com base em um aporte fenomenológico, que ele tem como essência a “geograficidade”, que expressa a razão de ser do homem no planeta Terra, ou seja, delimita e determina a sua possibilidade de existir como ser-no-mundo.

O conhecimento geográfico de todos os seres-no-mundo teria como objeto, segundo Dardel, revelar ao homem sua condição humana e seu destino. E o resultado dessa revelação, como relação existencial, seria a “geograficidade (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino” (DARDEL, 2011, p. 1-2).

A geograficidade expressa também uma materialidade, da qual não podemos nos destacar. Essa materialidade é experimentada essencialmente no e pelo corpo que, a partir de sua mobilidade, estrutura o mundo. As distâncias e as direções são essenciais nessa estruturação, disse Dardel. Podemos afirmar que todos os conceitos espaciais derivam desse “espaço primitivo”, definido por Dardel (2011, p. 14) como o espaço onde se desenvolve a existência como extensão, ou seja, que configura um ser-em-situação. Devo destacar que a “situação” não é

experimentada como quantidade, mas como qualidade de estar (ser) “perto” ou “longe”, “lá” ou “aqui”.

Relph (1976), quando delimita o conceito de lugar, define o espaço primitivo, ou pragmático, como aquele ligado ao comportamento instintivo e à ação inconsciente. Mas, na obra desse autor, o que mais se aproxima da ideia de espaço primitivo em Dardel (2011) é o espaço existencial, ou vivido, definido como:

A estrutura íntima do espaço tal qual nos aparece em nossas experiências concretas de mundo como membros de um grupo cultural, ele é intersubjetivo e, portanto, permeia a todos os membros daquele grupo, pois estes foram todos socializados de acordo com o conjunto comum de experiências, signos e símbolos (RELPH, 1976, p. 2).

A fenomenologia, ao ocupar-se do corpo e do espaço em suas investigações filosóficas, aponta nessa direção, para o estudo geográfico do espaço. Heidegger afirma que “só é possível habitar o que se constrói” (HEIDEGGER, s.d., p. 1) e, evidentemente, ele não se refere somente à materialidade das construções.

Uma construção, que em seu texto Heidegger exemplifica com uma ponte, é em si mesma um lugar, dando ao espaço uma instância e uma circunstância. “A partir dessa circunstância determinam-se os lugares e os caminhos pelos quais se arruma, se dá espaço a um espaço. Coisas, que desse modo são lugares, são coisas que propiciam a cada vez espaços” (HEIDEGGER, s.d., p. 6). Dessa forma, então, ao contrário do que tradicionalmente se pensa na geografia, são os lugares que constituem e delimitam o espaço.

Entre esses conceitos, ou essas essências espaciais referentes à matéria sólida que nos dá apoio, que nos suporta, três são importantes na discussão que faço aqui: mundo, lugar e território. Eles delimitam modos de ser-no-mundo, do mais introspectivo e solitário, ao mais interativo e compartilhado.

Os fenomenólogos, quando se referem ao ser-no-mundo, falam da essência de nossa existência, que é existir em situação. Somos seres-em-situação, o que significa que constituímos e desvelamos o mundo, a partir de nossa individualidade de ser.

A essência de ser “mundo” é de um pertencimento integral entre o ser e as coisas para as quais ele intencionalmente se volta, ou seja, ser e coisas constituem um fenômeno complexo que alguns geógrafos, com muita propriedade, chamam de espaço vivido, ou melhor, mundo vivido.

Mundo é a essência espacial mais introspectiva, mas pode, ao mesmo tempo, expressar uma determinada geograficidade compartilhada por bilhões de pessoas, a partir de atitudes comuns do ser-em-situação, ou seja, como já enunciei em outro texto (HOLZER, 2012), pela redução, como volta às experiências originais de nosso mundo mais original, que permite aos seres-no-mundo, tornarem-se, dialogicamente, seres-em-situação, ao compartilharem coisas (termos).

Se lugares outorgam espaços, como muito bem nos mostrou Heidegger, os mundos outorgam lugares. Esse conhecimento dos mundos, dos espaços e dos lugares é intuitivo, eidético e inerente à nossa situação de ser-no-mundo, o que faz de todos, geógrafos, como muito bem observou Wright (1947).

Um texto que expressa bem a preocupação que os geógrafos deveriam ter com essa questão do mundo sendo compartilhado como lugar é o de Seamon, que reproduzo a seguir:

Se o geógrafo estuda os espaços, lugares e ambientes nos quais a pessoa tipicamente vive e habita – seu **espaço-vivido** como a ele se referem algumas vezes os fenomenologistas – ele precisa reconhecer que esse espaço é antes de tudo fundamentado no corpo, a pessoa se localiza em relação aos objetos, lugares e ambientes familiares que, em suma, constituem o seu mundo geográfico cotidiano. Seja qual for o contexto histórico e cultural particular, a base de sua experiência geográfica é o extrato corporal pré-reflexivo de sua vida – seu espaço corporalmente vivido. Assim como os movimentos habituais em ambientes de grande escala, este espaço corporalmente vivido incorpora pequenos gestos, como caminhar, virar-se, alcançar, e os padrões ampliados do balé-corporal e da rotina têmporo-espacial. Através da exploração da porção corporal do espaço vivido, o geógrafo obtém um quadro das forças estabilizadoras, habituais, de um mundo vivido particular. Ele pode entender melhor como os padrões inconscientes que estão em um lugar particular, que continuam a fazer do lugar o que ele era no passado, além disso, ele pode ser mais capaz de prever o efeito de mudanças

ambientais ou sociais específicas sobre essa estabilidade. (SEAMON, 1980, p. 161-162).

Lugares, por sua vez, só existem a partir do compartilhamento de experiências entre seres humanos, ou seja, da experiência intersubjetiva compartilhada das coisas e fenômenos para os quais nos voltamos em comum. A definição a seguir delimita apropriadamente os lugares e seu caráter geográfico:

Um lugar é um centro de ação e intenção, ele é 'um foco onde nós experimentamos os eventos significativos de nossa existência'. De fato, eventos e ações são significativos somente no contexto de certos lugares, e ganham tonalidades e são influenciados pelo caráter desses lugares, ainda que contribuam para esse caráter... Os lugares são os contextos ou panos de fundo para objetos intencionalmente definidos ou para grupos de objetos ou eventos, ou podem ser, eles mesmos, objetos da intenção. No primeiro caso pode-se dizer que toda consciência não é meramente consciência de algo, mas de algo em seu lugar, e que esses lugares são em grande parte definidos em termos dos objetos e de seus significados. Como objetos propriamente ditos, os lugares são essencialmente focos da intenção, têm geralmente uma localização fixa e possuem traços que persistem de uma forma identificável. Tais lugares podem ser definidos em termos das funções a que servem ou em termos da experiência comunitária pessoal [...] (RELPH, 1976, p. 42-43).

Paradoxalmente, a essência do “lugar” é o movimento, pois ele outorga espaços na medida em que podemos nos locomover, isto é, variar nossa intencionalidade e nossas ações a partir da propriedade de nos deslocarmos no espaço, ou melhor, de o corpo criar espaço a partir de seu deslocamento. O lugar também pode significar uma pausa, como propõe Tuan (2011), numa definição muito utilizada pelos que se aproximam da Geografia Humanista, e que reproduzo a seguir:

O movimento exige tempo e ocorre no espaço: eles exigem um campo espaço-temporal. Lugar e movimento, no entanto, são antitéticos. Lugar é uma parada ou pausa no movimento – a pausa que permite a localização para tornar o lugar no centro de significados que organiza o espaço do entorno (TUAN, 2011, p. 12).

Mas a pausa não é a sua condição essencial. Ela é provocada pela trajetória em tangente ou secante, de atração e de repulsão dos seres, que pode circunstancialmente torná-los *insiders* ou mantê-los como *outsiders*.

O movimento, expresso pela *Lebenswelt*, a vivência cotidiana, faz com que os lugares tornem-se instáveis e variem intensamente de escala. Nas sociedades tradicionais, não importa se sedentárias, transumantes ou nômades, o movimento implica estabilidade, como muito bem observa Tuan, devido à percepção do passar do tempo, ou seja, do deslocamento no espaço, como cíclico, circular. Nas sociedades contemporâneas, um número incontável de pessoas percebe esse movimento como linear, preferencialmente retilíneo e uniforme. Nesse caso, a estabilidade, como também observa Tuan, é oferecida pela eleição de determinadas localizações como lugares experimentados relacionalmente como pausa, mas absolutamente também como movimento. Uma definição magistral de lugar nos é oferecida por Buttimer:

Eu sugiro que nós pensemos sobre os lugares no contexto de dois movimentos recíprocos que podem ser observados na maioria das formas de vida: como a inspiração e a expiração, muitas formas de vida precisam de um **lar** e de **horizontes a serem alcançados** a partir desse lar. A reciprocidade vivida do descanso e do movimento, do território e da extensão, da segurança e da aventura, de tratar da casa e da agricultura, da construção comunitária e da organização social – essas experiências podem ser universais para os habitantes do Planeta Terra (BUTTIMER, 1980, p. 170).

A geograficidade, que expressa a materialidade do espaço geográfico, é compartilhada em nossas vivências cotidianas com a lugaridade que, por sua vez, expressa exatamente essa relação dialógica dos seres em movimento com lugares e caminhos que, como pausa, como convivência íntima, arrumam e delimitam os espaços.

Posso agora falar do território, a partir de sua essência, que é a de ser territorialidade. A essência do território é a fronteira, o limite. Segundo Heidegger:

O limite não é onde uma coisa termina mas, como os gregos reconheceram, de onde alguma coisa *dá início à sua essência*. Isso explica por que a palavra grega para dizer conceito é *ορισμός*, limite. Espaço é, essencialmente, o fruto de uma arrumação, de um espaçamento, o que foi deixado em seu limite. O espaçado é o que, a cada vez, se propicia e, com isso, se articula, ou seja, o que se reúne de forma integradora através de um lugar [...]. *Por isso os espaços recebem sua essência dos lugares e não "do" espaço.* (HEIDEGGER, s.d., p. 6 - destaques no original).

Limites demarcam meu corpo em oposição a outros corpos e coisas, são campos de força, barreiras invisíveis, mais que visíveis. Se determinado grupo de pessoas compartilha mundos comuns, tornados lugares, esses são demarcados para outros grupos, que compartilham outros mundos, como territórios. Os territórios se apresentam como a afirmação da identidade, do comum-pertencer de determinado grupo, ou mesmo de um indivíduo, a partir dos lugares. Esse é o motivo que leva Bonnemaïson (1981) a afirmar que do conceito de etnia deriva o conceito de territorialidade, que:

[...] é em primeiro lugar a relação culturalmente vivida entre um grupo humano e uma trama de lugares hierarquizados e interdependentes, na qual a figura do solo constitui um sistema espacial, chamado também de território (BONNEMAISON, 1981, p. 253).

A partir dessa ideia, o autor se aproxima do que enuncio acima:

Apesar de tudo, a territorialidade de um grupo ou de um indivíduo não pode se reduzir ao estudo de seu sistema territorial. A territorialidade é a expressão de um comportamento vivido: ela engloba ao mesmo tempo a relação com o território, e a partir dele, a relação com o espaço ‘estrangeiro’. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são os seus e o que está além do território, ali onde começa ‘o espaço’ (BONNEMAISON, 1981, p. 256).

Disponho agora de um referencial teórico para poder me dirigir ao tema aqui discutido, o da “microterritorialidade”. Reporto-me às minhas experiências a partir de uma *Zarte Empirie* (empíria delicada), como proposta por Goethe, a qual me permite “enxergar sensorialmente mais detalhes do fenômeno do que a mente analítica” (COELHO, 2009, p. 5).

Vou tomar alguns exemplos que vivenciei pesquisando uma enorme área, hoje periférica ao Rio de Janeiro, cujo território pode ser denominado Leste Metropolitano. São áreas que, ocupadas pelos portugueses ainda no século XVI, sempre estiveram no centro das ações geopolíticas que engendraram o território brasileiro em todas as suas escalas, da internacional à local, uma vez que foram vizinhas da corte, da capital federal, da capital cultural do Brasil e, agora, da cidade olímpica.

Apesar dessa proximidade, muitos grupos mantêm, ainda hoje, uma dinâmica alheia ou pouco integrada às de uma região metropolitana gigantesca e “globalizada”. Assim, pude encontrar, a dois quilômetros da praia de Itaipu, no Engenho do Mato, em Niterói, crianças de até doze anos que nunca haviam visto o mar; em Araruama, uma senhora de 104 anos, filha de escrava, que nunca havia saído da fazenda Parati onde nascera, localizada a apenas seis quilômetros do centro da cidade; um trabalhador braçal de um condomínio, com cerca de trinta e cinco anos, que só ia ao centro de Maricá, tradicionalmente denominada Vila de Maricá (à época, cidade com cerca de 100.000 habitantes), apenas para fazer as compras de mês, e que esteve pela primeira vez no centro de Niterói, distante 35 quilômetros, quando do nascimento do filho. São experiências intensas de lugar, a partir de lugaridades estabelecidas há gerações, e os limites desses territórios estão solidamente estabelecidos, assim como a identidade de *insiders* e *outsiders* é plenamente reconhecível. A esses grupos podem ser atribuídas paisagens residuais ou de exclusão, como as denominava Cosgrove (1998).

Ignorar esses territórios e paisagens é sinônimo de extinguir os lugares e, mais insidioso que isso, as lugaridades, uma vez que todos nós, em maior ou menor grau, compartilhamos lugares que já não existem, que têm significado apenas como lugaridades.

A pouca mobilidade pode, então, produzir experiências intensas de lugar e de lugaridade, que se expressam para os “de fora” como territórios restritos e muito bem delimitados. Em Maricá, moradores estabelecidos há vinte anos no município ainda são, agora mais eventualmente, chamados publicamente de aves de arriação. Essa estratégia os mantém como *outsiders*, desprovidos publicamente de sua lugaridade, mesmo que conheçam e vivenciem, mais do que os moradores “locais”, os lugares que habitam.

Esses territórios não constituem um todo coeso e uniforme, na verdade compõem, como propõe Bonnemaison (1981), arquipélagos de lugares determinados pelas lugaridades individuais e de grupos, cuja fluidez varia segundo a mobilidade que possuem. Nas sociedades modernas e contemporâneas, segundo

Tuan (2010, o movimento é circular, ou seja, ele é experimentado como circuito e está centrado em dois polos.

A maior parte das pessoas experimenta a casa como o centro de suas vidas e o local de trabalho como polo negativo; grande parte compreenderá a diferença como um limite exterior, com segmentos em torno de uma jornada circular (TUAN, 2011, p. 13).

Nesse caso, as semelhanças com os lugares e territórios da transumância podem ser exploradas: dois círculos que marcam a lugaridade constituída como local de trabalho e de descanso (e essa dualidade é pertinente aos dois polos), e uma linha que liga esses pontos, orientada por marcos objetivos ou subjetivos. A linha, em si, dificilmente se constitui como lugar, mas pode configurar um limite territorial; dos marcos, porém, por serem simbólicos, certamente provém uma lugaridade que, segundo seu significado, estará ligada a um ou outro polo.

Entre as mudanças a que assistimos nas sociedades contemporâneas, está a possibilidade que muitos grupos têm de experimentar os lugares e territórios aos quais antes só os executivos tinham acesso. Tuan (2011) pergunta: para aqueles, quais seriam os lugares significativos?

A casa no subúrbio é um lugar. Talvez ela seja um *showplace* onde ocorrem divertimentos extravagantes. É local de trabalho, onde o executivo assoberbado atualiza suas tarefas. Para a família a casa não é exatamente um lugar, porque as crianças estão em um colégio interno. A casa de campo é um lugar para toda a família, mas seu uso se restringe ao verão, e não ocorre todos os anos. É uma casa de lazer onde nada de muito sério acontece. O escritório é um local de trabalho, mas é também a casa do executivo – e, por extensão, é o centro de sua vida; ele pode ter um apartamento no prédio de escritórios ou no centro da cidade onde ocasionalmente passa a noite. A isso se somam viagens periódicas ao exterior – feriados combinados com negócios – para Milão ou Barbados. Para aumentar a complexidade, os circuitos de movimentos e seus lugares de repouso, em qualquer época do ano, representam apenas um estágio na carreira móvel e ascendente do executivo. Em nenhum desses estágios é estabelecida uma rotina de movimento entre os lugares. O próprio estágio da carreira, contudo, pode ser percebido como um lugar, significando uma pausa na ascensão deste executivo para o topo de sua profissão (TUAN, 2011, p. 13).

Em cidades como Rio das Ostras e Maricá, no Estado do Rio de Janeiro, onde a população quadruplicou nos últimos vinte anos, os lugares estão para se constituir

e os territórios, para se demarcar. Não adianta, no conforto de nossas salas de estudo e de nossos paradigmas de pesquisa, determinar esses limites e delimitar esses lugares atribuindo a *shoppings* e a condomínios uma estabilidade e uma centralidade que só ocorrem com estereótipos. Não adianta também ignorá-los, destituindo-os de significado, considerando-os simulacros ou não lugares.

Nesses casos, espero que se confirme minha tese de que a expressão mais visível da microterritorialidade é a lugaridade. Para estudarmos os territórios, precisamos estudar os lugares. Essa é uma tarefa urgente das ciências humanas e sociais aplicadas, sob pena de o mundo futuro ser planejado pelo senso comum e pelo pragmatismo do consenso, deixando à parte as complicações da ciência e das utopias.

REFERÊNCIAS

- BONNEMAISON, Jöel. Voyage autour du territoire. *L'espace géographique*, Paris, v. 10, n. 4, p. 249-262, 1981.
- BUTTNER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, Anne.; SEAMON, David. (eds.). *The human experience of space and place*. New York: St. Martin's Press, 1980. p. 166-187.
- COELHO, Humberto Schubert. A Epistemologia e o Método Científico de Goethe. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 6, n.1, p.85-102, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2010/04/6-8.pdf>.
- COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998. p. 92-103.
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Spinoza et le Problème de l'Expression*. Paris: Éditions de Minuit, 1968.

HOLZER, Werther. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) *Matrizes da Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 103-122.

HOLZER, Werther. Mundo e Lugar: ensaio de geografia fenomenológica. In: MARANDOLA Jr., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de. (Org.) *Qual o Espaço do Lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012. p. 281-304.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, Habitar, Pensar*. Disponível em http://www.prourb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir_habitar_pensar.pdf.

RELPH, Edward. *Place and Placelessness*. London: Pion, 1976.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne; SEAMON, David. (eds.). *The human experience of space and place*. New York: St. Martin's Press, 1980. p. 148-165.

SPINOZA, Baruch de. *Oeuvres Complètes*. Paris: Pléiade, 1988.

TUAN, Yi-Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço humanista. *Geograficidade*, Niterói, v. 01, n.01, p. 4-12, 2011.

WRIGHT, John K. Terrae incognitae: the place of the imagination in Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, Washington, v.37, n.1, p. 01-15, 1947.

Enviado em: 05/03/2013

Aceito em: 17/08/2013